

O palácio de inverno

do autor de
O MENINO DO PIJAMA LISTRADO

JOHN BOYNE

Tradução

DENISE BOTTMANN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by John Boyne

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A presente edição recebeu apoio financeiro do Ireland Literature Exchange (fundo de incentivo a traduções), Dublin, Irlanda.

Título original

The house of special purpose

Capa

warrakloureiro

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Revisão

Carmen S. da Costa

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boyne, John

O Palácio de Inverno / John Boyne ; tradução Denise Bottmann. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: The house of special purpose.

ISBN 978-85-359-1710-9

1. Ficção irlandesa I. Título.

10-06428

CDD-ir823.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Meus pais não foram felizes no casamento.

Passaram-se anos, décadas, desde a última vez que aturei a companhia deles, mas ambos me voltam à lembrança quase todos os dias, por alguns instantes, não mais do que isso. Um sussurro da memória, tão leve como o hálito de Zoia em meu pescoço quando dorme de noite a meu lado. Tão suave como seus lábios em meu rosto quando me beija à primeira luz da manhã. Não sei exatamente quando morreram. Não sei nada sobre a morte deles, além da certeza natural de que não pertencem mais a este mundo. Mas penso neles. Ainda penso neles.

Sempre imaginei que meu pai, Daniel Vladivitch, morreria primeiro. Ele já tinha trinta e poucos anos quando nasci e, pelo que me recordo, nunca foi abençoado com uma boa saúde. Tenho lembranças de acordar, quando criança, em nossa pequena isbá de madeira em Cáchin, no Grão-Ducado de Moscóvia, tapando minhas orelhas miúdas com as mãos para afastar o som de sua mortalidade, enquanto ele se engasgava, tossia e cuspi o catarro na pequena fornalha que ardia em nossa sala de estar. Agora imagino que devia ter problema nos pulmões. Enfisema, talvez. Difícil saber. Não havia médicos para atendê-lo. Nem remédios. E ele não portava suas várias doenças com firmeza ou elegância. Quando sofria, sofríamos também.

A testa se projetava de sua cabeça como uma protuberância grotesca, lembro isso também. Uma grande massa de membrana disforme se adensava em volumes menores de ambos os lados, a pele muito esticada desde a linha dos cabelos até a reentrância do nariz, repuxando as sobrancelhas para

cima, o que lhe dava uma expressão de ansiedade constante. Certa vez, minha irmã mais velha, Lisca, me contou que foi um acidente na hora do parto, um médico incompetente que o pegou pelo crânio quando vinha ao mundo, em vez de puxá-lo pelos ombros, e apertou demais o osso ainda macio e não solidificado. Ou uma parteira displicente, talvez, sem cuidado com o filho de outra mulher. A mãe não viveu para ver a criatura que tinha gerado, o bebê defeituoso com a cabeça deformada. A vida de meu pai custou a vida de minha avó. Não era coisa incomum na época e raramente motivo de luto — um equilíbrio da natureza. Hoje, seria algo inesperado e processo na certa. Meu avô logo arranjou outra mulher, claro, para criar o filho.

Quando eu era pequeno, os outros meninos da aldeia ficavam em polvorosa ao ver meu pai vindo pela estrada na direção deles, dardejando o olhar à frente e atrás quando voltava do trabalho no campo para casa, talvez, ou brandindo o punho ao sair da cabana de algum vizinho depois de mais uma discussão sobre o montante de alguma dívida ou sobre pretensos insultos sofridos. Punham-lhe nomes e gritavam empolgados — chamavam-no de Cérbero, o cão de três cabeças do Hades, e zombavam dele tirando os colbaques, fincando os pulsos na testa e agitando as mãos feito loucos enquanto entoavam seus gritos de guerra. Não temiam qualquer castigo por se comportar assim na minha frente, o único filho dele. Faziam-lhe caretas pelas costas e escarravam no chão imitando seu costume, e quando ele se virava para urrar como um animal ferido a criançada se dispersava, como grãos de cereal arremessados num campo, sumindo na paisagem com a mesma rapidez. Riam dele; parecia-lhes assustador, monstruoso e repugnante, tudo ao mesmo tempo.

Ao contrário dos meninos, eu tinha medo de meu pai, pois ele era pródigo em suas pancadas e impenitente em sua violência.

Não tenho nenhuma razão para pensar assim, mas ima-

gino-o voltando para casa em algum final de tarde, logo depois que escapei do vagão de trem em Pscov naquela manhã fria de março, e os bolcheviques caindo em cima dele em retaliação pelo que eu tinha feito. Vejo-me dando uma carreira para atravessar os trilhos e desaparecer na floresta logo adiante, temendo por minha vida, enquanto ele caminha para casa num passo arrastado, tossindo, pigarreando e cuspindo, sem saber que corre perigo mortal. Em minha arrogância, imagino que meu sumiço trouxe uma enorme vergonha para minha família e nosso pequeno casebre, uma desonra que exigia reparação. Imagino um grupo de rapazes da aldeia — em meus sonhos, são quatro; taludos, feios, brutais — derrubando-o a porretadas, arrastando-o da rua para o escuro de um beco com muros altos, na intenção de matá-lo sem testemunhas. Não o ouço gritar por misericórdia, não teria sido assim. Vejo sangue nas pedras onde ele jaz. Vislumbro uma das mãos se mexendo devagar, tremendo, os dedos num espasmo. E então quedando imóvel.

Quando penso em minha mãe, Iulia Vladimirovna, imagino que foi chamada por Deus alguns anos depois, recolhida ao leito, com fome, exausta, minhas irmãs chorando a seu lado. Não consigo imaginar as dificuldades que ela deve ter enfrentado depois da morte de meu pai e não gosto de pensar nisso, pois, embora fosse uma mulher fria e, durante minha infância, não perdesse ocasião de demonstrar sua decepção comigo, mesmo assim era minha mãe, e a mãe da gente é sagrada. Imagino minha irmã primogênita, Ássia, colocando um pequeno retrato meu nas mãos dela no momento de uni-las em oração pela última vez, preparando-se em solene penitência para encontrar o Criador. A mortalha se franze junto ao pescoço fino, o rosto está branco, os lábios com um tom pálido de azul-pervinca. Ássia gostava de mim, mas ficou com inveja quando fugi, lembro isso também. Um dia ela veio ter comigo e eu a mandei embora. Agora sinto vergonha de pensar nisso.

Pode ser que nada disso tenha acontecido, claro. Meus pais e minhas irmãs podem ter tido um outro fim: feliz, trágico, pacífico, violento, juntos, separados, não tenho como saber. Nunca surgiu oportunidade de voltar, nunca tive ocasião de escrever para Ássia, Lisca ou mesmo Talia, que talvez nem se lembrasse do irmão mais velho, Geórgui, o herói e a desonra da família. Voltar seria colocá-los em perigo, colocar-me em perigo, colocar Zoia em perigo.

Mas, por muito tempo que tenha se passado, ainda penso neles. Há longos períodos em minha vida que são um mistério para mim, décadas de faina e família, luta e traição, perda e decepção, que se misturaram e é quase impossível separá-las, mas alguns momentos daqueles anos, daqueles primeiros anos, permanecem e ressoam em minha memória. E se tardam como sombras nos corredores escuros de minha mente que vai envelhecendo, mostram-se ainda mais vívidos e notáveis por jamais poder ser esquecidos. Mesmo que eu logo o seja.

Faz mais de sessenta anos que vi pela última vez algum parente de sangue. É quase impossível acreditar que cheguei a esta idade, oitenta e dois anos, e que passei com meus familiares uma parcela tão pequena do tempo que me foi concedido. Fui relapso em minhas obrigações para com eles, embora na época eu não enxergasse dessa maneira. Pois querer mudar meu destino seria como querer mudar a cor de meus olhos. As circunstâncias me levaram de uma coisa a outra, e depois a outra, e mais outra, como acontece com todos os homens, e dei um passo após o outro sem questionar.

E então um dia eu parei. E estava velho. E eles tinham partido.

E fico pensando: seus cadáveres continuam em estado de decomposição ou já se desfizeram e se uniram ao pó? O processo de putrefação leva várias gerações até se consumir ou pode avançar mais depressa, dependendo da idade do corpo

ou das condições de sepultamento? E a rapidez da decadência física, será que depende da qualidade da madeira do caixão? Da voracidade do solo? Do clima? Antes, era o tipo de pergunta em que eu podia ficar matutando enquanto me distraía durante a leitura noturna. Em geral eu anotava minha dúvida e pesquisava até chegar a uma resposta satisfatória, mas todas as minhas rotinas foram por água abaixo neste ano e agora essas indagações me parecem triviais. Na verdade, faz muitos meses que nem vou à biblioteca, desde que Zoia ficou doente. Talvez nem volte mais lá.

Passei a maior parte de minha vida — a maior parte de minha vida adulta, quero dizer — entre as paredes tranquilas da biblioteca no Museu Britânico. Comecei a trabalhar lá no início do outono de 1923, pouco tempo depois de termos, Zoia e eu, chegado a Londres pela primeira vez, passando frio, sentindo medo, na certeza de que ainda poderiam nos descobrir. Eu estava com vinte e quatro anos naquela época, e não fazia a menor ideia de que um emprego podia ser tão pacato. Fazia cinco anos que eu tinha largado os símbolos de minha vida anterior — uniformes, rifles, bombas, explosões —, mas a lembrança deles ainda me marcava. Agora eram roupas macias, arquivos, erudição: uma mudança bem-vinda.

E antes de Londres, claro, foi Paris, onde desenvolvi aquele interesse por livros e literatura que havia começado na Biblioteca Azul, uma curiosidade a que eu tinha esperança de dar andamento na Inglaterra. Para minha eterna ventura, vi um anúncio no *The Times* sobre uma vaga de auxiliar de bibliotecário no Museu Britânico, compareci no mesmo dia, chapéu na mão, e fui imediatamente levado à presença de um certo sr. Arthur Trevors, meu novo empregador em potencial.

Lembro a data exata. Doze de agosto. Eu tinha acabado de vir da Catedral da Assunção e Todos os Santos, onde acendi uma vela por um velho amigo, gesto anual de respeito no dia de seu aniversário. *Enquanto eu viver*, prometera a ele todos aqueles anos atrás. De certa forma, parecia coerente que mi-

nha nova vida começasse no mesmo dia em que se iniciara sua curta vida.

— O senhor sabe há quanto tempo existe a Biblioteca Britânica, sr. Jachmenev? — perguntou o sr. Trevors, observando-me com atenção por cima dos óculos em meia-lua, ociosamente apoiados na base do nariz. Ele não mostrou a mais leve dificuldade com meu sobrenome, fato que me impressionou, visto que muitos ingleses pareciam considerar uma virtude o fato de ser incapazes de pronunciá-lo. — Desde 1753 — respondeu ele mesmo de imediato, sem me dar a menor chance de arriscar um palpite. — Quando sir Hans Sloan legou sua coleção de livros e raridades à nação, e assim nasceu o museu inteiro. O que o senhor pensa sobre isso?

Não consegui pensar em outra resposta a não ser elogiar a filantropia e o bom-senso de sir Hans, resposta que o sr. Trevors aprovou de todo o coração.

— O senhor está absolutamente certo, sr. Jachmenev — disse assentindo freneticamente com a cabeça. — Era de fato um sujeito excelente. Meu bisavô sempre jogava bridge com ele. A dificuldade agora, claro, é o espaço. Está faltando, como o senhor pode ver. Livros demais sendo publicados, este é o problema. Na maioria escritos por imbecis, ateus ou sodomitas, mas, Deus nos ajude, somos obrigados a incluir todos eles. O senhor não tem nenhuma ligação com esse pessoal, tem, sr. Jachmenev?

Sacudi a cabeça depressa.

— Não, senhor — respondi.

— Ainda bem. Esperamos algum dia mudar a biblioteca para uma sede própria, claro, o que vai ajudar muito. Mas tudo depende do Parlamento. Eles controlam todo nosso dinheiro, entende. E o senhor sabe como são aqueles sujeitos. Podres até o último fio de cabelo, todos sem exceção. Esse tal Baldwin é um camarada realmente bom, mas tirando ele... — Abanou a cabeça e fez um ar de quem passava mal.

No silêncio que se seguiu, não consegui pensar em nada

para transmitir uma boa impressão, a não ser falar de minha admiração pelo museu, onde eu tinha estado só por meia hora antes da entrevista, e pela maravilhosa coleção de tesouros que estavam reunidos ali dentro de suas paredes.

— O senhor trabalhou num museu antes, sr. Jachmenev, não trabalhou? — perguntou ele, e acenei a cabeça numa negativa.

Ele demonstrou surpresa com a resposta e tirou os óculos enquanto insistia na pergunta:

— O senhor, pensei eu, não terá sido funcionário do Ermitage? Em São Petersburgo?

Ele não precisava especificar a localização do museu; eu o conhecia muito bem. Lamentei por um momento não ter mentido, pois afinal era improvável que ele fosse procurar alguma confirmação se eu havia trabalhado lá, e qualquer tentativa de obter referências levaria anos para ter resposta, se é que algum dia teria.

— Não, senhor, nunca trabalhei lá — respondi. — Mas claro que conheço muito bem o museu. Passei muitas centenas de horas felizes no Ermitage. A coleção bizantina é especialmente admirável. E a numismática também.

Ele avaliou meu comentário por alguns instantes, percorrendo com os dedos a lateral de sua escrivaninha, antes de decidir se estava satisfeito com a resposta. Reclinando-se na cadeira, estreitou os olhos e respirou fundo enquanto me encarava.

— Diga-me, sr. Jachmenev — falou arrancando cada palavra como se doesse proferi-las. — Há quanto tempo o senhor está na Inglaterra?

— Não muito — fui sincero. — Poucas semanas.

— Veio direto da Rússia?

— Não, senhor. Minha mulher e eu passamos vários anos na França antes de...

— Sua mulher? Então o senhor é casado? — aparteou ele, parecendo contente com minha declaração.

— Sou, sim, senhor.

— Como ela se chama?

— Zoia — falei. — Um nome russo, claro. Significa *vida*.

— É mesmo? — resmungou fitando-me como se minha frase fosse de uma presunção ímpar. — Encantador. E do que o senhor vivia na França?

— Eu trabalhava numa livraria parisiense — disse. — De porte médio, mas com uma clientela fiel. Não havia dia sem movimento.

— E o senhor gostava do serviço?

— Muito.

— Por quê?

— Era pacato — respondi. — Embora eu estivesse sempre ocupado, a atmosfera tinha uma serenidade que me agradava muito.

— Bem, é assim que as coisas funcionam aqui também — disse animado. — Agradável e tranquilo, mas com muito serviço puxado. E antes da França, o senhor viajou muito por toda a Europa, suponho.

— Na verdade, não, senhor — admiti. — Antes da França era a Rússia.

— Estavam fugindo da revolução?

— Saímos em 1918 — respondi. — Um ano depois que ela aconteceu.

— Não apreciava o novo regime, suponho?

— Não, senhor.

— Tem toda razão — comentou ele, os lábios levemente curvados de desagrado à ideia. — Malditos bolcheviques. O czar era primo do rei, Geórgui, sabia disso?

— Sim, senhor, eu tinha conhecimento disso — respondi.

— E a mulher dele, a dona czar, era neta da rainha Vitória.

— A czarina — disse eu, corrigindo cuidadosamente a irreverência dele.

— Está bem, se o senhor faz questão. É um atrevimento

danado, se quisesse saber. Deviam fazer alguma coisa com esse pessoal antes que se alastrem pela Europa com seus maus modos. Naturalmente o senhor sabe que o camarada Lênin costumava estudar aqui na biblioteca, não?

— Não, eu não sabia — disse erguendo uma sobrancelha em sinal de surpresa.

— Ah, sim, é absolutamente verdade, eu lhe garanto — disse ele, notando meu ar de ceticismo. — Lá por volta de 1901 ou 1902, creio eu. Muito antes de meu tempo. Meu predecessor me contou tudo a respeito. Ele disse que Lênin costumava chegar todas as manhãs pelas nove horas, e ficava até a hora do almoço, quando aquela mulher dele vinha e o arrastava embora para ir editar aquele jornaleco revolucionário. Ele sempre tentava entrar com uma garrafa de café escondida, o tempo todo, mas a gente ficava de olho nele. Foi quase barrado por causa disso. Só por aí já dá para ver que tipo de homem ele era. O senhor não é bolchevique, é, sr. Jachmenev? — perguntou inclinando-se de repente e me encarando fixo.

— Não, senhor — disse abanando a cabeça e fitando o chão, sem conseguir enfrentar o olhar penetrante dele. Fiquei surpreso com a opulência do pavimento de mármore sob meus pés. Ocorreu-me que eu havia deixado tais glórias para trás. — Não, definitivamente não sou um bolchevique.

— Então o que o senhor é? Leninista? Trotskista? Czarista?

— Nada, senhor — respondi, levantando de novo o olhar, agora com uma expressão decidida no rosto. — Não sou absolutamente nada. Apenas um homem que chegou recentemente neste grande país, em busca de um emprego honesto. Não tenho cores políticas e nem quero ter. A única coisa que desejo é uma vida calma e condições de dar um sustento digno à minha família.

Calado, ele pesou minhas palavras por alguns instantes e fiquei em dúvida se não estaria me rebaixando demais diante dele, mas eu tinha preparado essas frases a caminho de Bloomsbury para conseguir o emprego, e achei que tinham

humildade suficiente para satisfazer um potencial empregador. Pouco me importava se eu ficava parecendo um criado. Eu precisava de serviço.

— Muito bem, sr. Jachmenev — disse ele por fim, com um aceno de cabeça. — Creio que podemos tentar. Um período de experiência para começar, digamos um mês e meio, e se nós dois ficarmos mutuamente satisfeitos depois desse prazo, teremos mais uma conversinha e veremos se não é possível efetivar o cargo. Como lhe parece?

— Fico muito agradecido, senhor — disse eu, sorrindo e estendendo a mão num gesto de amizade e reconhecimento. Ele hesitou um momento, como se eu estivesse tomando uma enorme liberdade, antes de me encaminhar para um outro escritório, onde registrou meus dados e expôs minhas novas responsabilidades.

Fiquei no emprego da biblioteca no Museu Britânico pelo resto de minha vida profissional, e depois da aposentadoria continuei a ir quase todos os dias, passando horas nas mesas que antigamente cabia a mim arrumar, e onde agora ficava lendo, pesquisando e me instruindo. Lá eu me sentia seguro. Em nenhum outro lugar do mundo jamais me senti tão seguro como entre aquelas paredes. Durante a vida inteira receei que me encontrassem, que nos encontrassem, mas pelo visto fomos poupados. Agora só Deus irá nos separar.

É verdade que nunca fui um homem que se poderia classificar de do tipo moderno. Minha vida com Zoia, nosso longo casamento, seguia os moldes tradicionais. Nós dois trabalhávamos e voltávamos para casa mais ou menos na mesma hora, no final da tarde, mas era ela quem preparava as refeições e cuidava das tarefas domésticas, como lavar a roupa e limpar a casa. A ideia de que eu poderia ajudar nunca foi sequer ventilada. Enquanto ela cozinhava, eu sentava junto à lareira e lia. Gostava de romances longos, de épicos históri-